

# EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM MANCHETES DO JORNAL *MEIA HORA DE NOTÍCIAS*: UM ESTUDO À LUZ DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

## IDIOMS OF THE HEADLINES OF THE *MEIA HORA DE NOTÍCIAS* NEWSPAPER: A STUDY IN LIGHT OF THE CONSTRUCTION GRAMMAR

Suelen Martins\*

Marcos Fabrício Lopes da Silva\*\*

---

### RESUMO

O presente estudo analisa, no bojo da teoria da construção gramatical, as expressões idiomáticas como estruturas cristalizadas em que as unidades lexicais se juntam àquelas sintáticas e semânticas para formar um *continuum* indissociável e importante para a construção de sentido do texto jornalístico. Privilegia-se a análise de 18 manchetes de primeira página do jornal popular *Meia Hora de Notícias* (comumente conhecido como *Meia Hora*), publicadas entre 10 de janeiro de 2013 e 10 de maio de 2015. Conclui-se que as expressões idiomáticas do *Meia Hora* são usadas como meio de construir sentido nas manchetes pelo fato de o veículo deduzir que o leitor domina essas expressões fixas por serem cristalizadas. Após a análise, considera-se que, predominantemente nas manchetes, há expressões formais e gramaticais.

### PALAVRAS-CHAVE

Construção gramatical; expressões idiomáticas; *Meia Hora*; manchete; jornal popular.

### ABSTRACT

The present study examines, in the perspective of grammatical construction theory, idioms as crystallized structures in which lexical units join syntactic and semantic units to form an inseparable and important continuum for the construction of the sense of the journalistic text. The focus is on the analysis of 18 front-page headlines of the popular newspaper *Meia Hora de Notícias* (commonly known as *Meia Hora*), published between January 10, 2013, to May 10, 2015. Analysis results indicate that the idiomatic expressions of the *Meia Hora* newspaper are used as a means to construct meaning in the headlines by the fact that the newspaper deduces that the reader dominates these crystallized fixed expressions. The analysis also highlights that, predominately in the headlines, there are formal and grammatical expressions.

### KEYWORDS

Grammatical construction; idiomatic expressions; *Meia Hora*; headline; popular newspaper.

---

\* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: [suelenm@ufmg.br](mailto:suelenm@ufmg.br)

\*\* Faculdade JK-DF. E-mail: [marcosfabriciolopesdasilva@gmail.com](mailto:marcosfabriciolopesdasilva@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

As expressões idiomáticas (EIs) existem em todas as línguas e são importantes para se estudar, por exemplo, a língua em uso (pragmática). Torna-se emergencial mostrar que a interpretação dessas expressões vai além de saber a gramática e o vocabulário de uma língua, uma vez que elas são uma convenção na comunidade linguística, portanto, dependem também de fatores pragmáticos. Nota-se que, em alguns jornais populares de caráter sensacionalista, há vasta opção pelas EIs, tanto em manchetes quanto ao longo do texto jornalístico, pois o veículo tenta com elas se aproximar do público, nas palavras de Eco (1994), um leitor-modelo<sup>1</sup> ou ideal, que usa e que conhece essas expressões fixas. O jornal, fazendo-se compreensível para seu interlocutor previsto, por meio das expressões idiomáticas, ganha mais adesão.

Assim sendo, toma-se como objeto de estudo 18 manchetes de primeira página do jornal popular carioca *Meia Hora*, publicadas entre 10/01/2013 e 10/01/2015, coletadas na *fan page* do jornal no *Facebook*. Almeja-se, com isso, endossar o lugar dessas expressões como construções, pois são exemplares do pareamento forma e significado; verificar até que ponto essas expressões idiomáticas usadas no jornal popular estão em consonância com a classificação proposta por Fillmore, Kay e O'Connor (1988); e como o emprego dessas expressões se mostra estratégico na constituição da materialidade jornalística para reforçar a linha editorial do periódico em análise.

A hipótese levantada aqui é a de que o jornal *Meia Hora* usa expressões idiomáticas, já que prevê o leitor ideal do veículo como aquele que possui o conhecimento sobre essas EIs de forma cristalizada a ponto de produzir sentido para as manchetes que lê. Partindo-se da noção de EI como um constructo sintático-semântico cristalizado, formulamos a hipótese de que as manchetes trazem mais expressões idiomáticas formais e gramaticais, construções mais familiares aos usuários da língua, com constituintes fixos e compreensão dependente do entendimento das partes.

Essa investigação justifica-se, pois discute a formação e a tipologia das expressões idiomáticas usadas em jornais populares em manchetes de primeira página sob a perspectiva construcional. Verifica-se que grande parte das pesquisas sobre periódicos populares se debruça sobre a diferença entre a linguagem empregada naqueles em relação aos jornais tidos como tradicionais. Ainda, observa-se, a partir de pesquisa feita, a priori, ao portal Capes<sup>2</sup>, que as análises das expressões idiomáticas versam, em grande maioria, sobre a importância de se estudar essas construções na aquisição de segunda língua, na linguagem publicitária, no texto literário e não sobre expressões idiomáticas em jornais.

---

<sup>1</sup> O leitor-modelo é “uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar.” (ECO, 1994, p.15). O perfil do leitor-modelo é desenhado pelo texto e dentro do texto.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso: 21 jan. 2018.

A escolha pelo jornal *Meia Hora*<sup>3</sup> é justificada por se tratar de periódico que, dentre vários outros populares, traz um trabalho significativo com as expressões idiomáticas, haja vista que estas são marca editorial do jornal. Além disso, o *Meia Hora* teve, em 2013, circulação de 125.225 exemplares/ano, de acordo com pesquisa realizada pela Associação Nacional de Jornais (ANJ)<sup>4</sup>, divulgada no *site* desse órgão, o que comprova o lugar de destaque do periódico analisado.

Em seguida, apresenta-se o conceito de jornal popular ventilado atualmente, além de se discutir o que é a manchete no texto jornalístico. Sendo essa a organização do texto, a seção dois inicia a parte de referencial teórico básico para a investigação que se pretende fazer. Nela, os pressupostos da Gramática de Construções (GCr) são elucidados para que haja entendimento sobre o que significa o estudo das expressões idiomáticas como construções e como essa teoria pode ser aplicada no estudo de material midiático.

## 2 SOBRE MANCHETES E JORNAIS POPULARES

O jornal popular é um periódico destinado a segmentos populares da sociedade e “se difere do jornal tradicional pela seleção de notícias, enquadramento (*framing*) e fontes” (OLIVEIRA, 2009, p. 8). Esses jornais têm se tornado de grande sucesso no mercado editorial, já que atendem à demanda de alguns setores da população por preços baixos, além de apresentarem forte apelo gráfico (com imagens muito coloridas), linguagem compreensível e promoções de produtos. Como estratégia de captação do público e, conseqüentemente de audiência, algumas empresas apelam para o sensacionalismo, ainda que, atualmente, vigore o entendimento de que nem sempre o sensacionalismo é prerrogativa para a constituição do jornal popular.

A base principal para um bom jornalismo é a de entregar notícia relevante ao público. Contudo, para cativar o leitor e conquistar o consumidor, os jornais, cada vez mais, se transformam em mercadorias, em todos os lugares, para todos os segmentos. O fenômeno do sensacionalismo se enquadra em certo tipo de postura editorial adotada, regular ou esporadicamente, por determinados meios de comunicação, que se caracteriza pelo exagero, pelo apelo emotivo e pelo uso de imagens fortes na cobertura de um fato jornalístico.

Márcia Franz Amaral (2006) ressalta que os jornais populares constroem uma legitimidade a partir de certos parâmetros que os periódicos sensacionalistas também possuem. Relacionando-se de uma forma peculiar com o mundo do leitor, os jornais populares buscam abordar diretamente os anseios mais imediatistas e apelativos do

---

<sup>3</sup> O *Meia Hora de notícias* ou *Meia Hora* é jornal do Rio de Janeiro, do grupo *O Dia*, lançado em 2005. Trata-se de um tabloide matutino, destinado aos públicos C e D, de 32 a 44 páginas, vendido a preço de R\$ 0,80. O jornal tem foco nas notícias locais, por isso, traz linha editorial comprometida com linguagem de fácil entendimento, repleta de coloquialismos. O *slogan* “Nunca foi tão fácil ler jornal”, do *Meia Hora*, traduz com fidedignidade sua proposta jornalística.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil-2/>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

público, fazendo uso de uma estética pragmática que ressaltam as informações advindas da esfera privada, do âmbito local ou da cultura do entretenimento. Além disso, são regidos, por interesses mercadológicos, ao utilizar determinados recursos temáticos, estéticos e estilísticos, que, mesmo deslocados do discurso jornalístico tradicional, servem para legitimar a fala do jornal entre seu público-alvo.

Diante dessa busca por audiência popular representativa, há de se destacar um gênero de grande importância para a materialidade jornalística: a manchete. Esta permite ao leitor entender a ideia principal da matéria de maior importância na edição do dia e conta com as fotos como recurso auxiliar. Para atender à demanda de objetividade, as manchetes podem se valer do que o leitor possui de conhecimento, como é o caso das expressões idiomáticas.

Antes da coleta de Els usadas nas manchetes do *Meia Hora*, recorre-se ao conceito de expressões idiomáticas como construções, conforme se faz na seção dois, a seguir. Nela, são apresentados pontos de vista sobre construção de Fillmore, Kay e O'Connor (1988) e Goldberg (1995).

### 3 AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS COMO CONSTRUÇÕES GRAMATICAIS

As construções gramaticais, dentro do quadro de referência da Gramática de Construções (GCr), podem ser conceituadas como unidades linguísticas formadas por uma estrutura complexa e seu significado. Isso significa afirmar que as construções têm configuração sintática associada a um conceito/significação e refletem a noção de *continuum* entre sintaxe e semântica. O significado semântico da construção gramatical é dado por algumas estruturas típicas da semântica cognitiva como esquemas imagéticos, *frames*, metáforas conceptuais, metonímias conceptuais, espaços mentais.

Nota-se que uma construção pode ser compreendida como convencionalizada para uma comunidade de falante. A título de ilustração, têm-se as expressões idiomáticas que, segundo Fillmore, Kay e O'Connor (1988), são construções gramaticais complexas, que possuem as mesmas propriedades semânticas e pragmáticas que os itens lexicais. As construções gramaticais, então, de acordo com esses autores, são entendidas como padrões de combinações de palavras em frases. Essas expressões são construções, unidades simbólicas armazenadas e apreendidas como um todo e não em partes na rede conceptual situada na mente do usuário da língua. Exemplo disso é a construção *Dar uma de João sem braço*, em que o signo, em todos os aspectos, é constituído pelas partes integradas e não distribuídas em diferentes módulos como no modelo composicional. A análise da expressão fixa supracitada não é modular. Para esses autores, as expressões podem ser classificadas em:

- a. codificáveis e descodificáveis: uma expressão idiomática *codificável* ou de *codificação* é aquela que os usuários da língua podem entender com ou sem uma experiência a priori, pois, a compreensão é dada pela convenção. Exemplo dessa expressão é *tirar carta de motorista*. Em algumas regiões do Brasil, admite-se também *tirar carteira de motorista*. Ainda que uma pessoa

não tenha passado pela experiência de ser condutor, o usuário se vale das partes dessa construção para dar a entender que alguém está apto a dirigir um veículo. Nas expressões *codificáveis*, “o que todos esses elementos têm em comum é o fato de constituírem expressões idiomáticas *de codificação*, em que a obediência aos padrões regulares da língua permite aos falantes estabelecer facilmente a *decodificação*.” (FERRARI, 2011, p. 130). Já as expressões idiomáticas *decodificáveis* ou de *decodificação* são aquelas que o usuário da língua não pode interpretar com completa certeza se ele não as tiver aprendido isoladamente como itens lexicais. À guisa de ilustração, segue a expressão *dar o chapéu*, cuja compreensão não pode ser alcançada composicionalmente (o todo é dado pelas partes), e sim, totalmente. Interpreta-se a expressão como um todo para se compreendê-la como enganar alguém.

b. gramaticais e extragramaticais: as expressões *gramaticais* são aquelas que possuem estruturas próprias e familiares da, quer dizer, “obedecem às regras gramaticais de uma língua” (FERRARI, 2011, p. 131). A expressão *abandonar o barco* apresenta estrutura própria da língua em que há verbo seguido de sintagma nominal em posições frasais esperadas. As expressões *extragramaticais*, por outra via, têm estruturas, mas essas não são inteligíveis para o conhecimento de regras (generalizadas) familiares da gramática. Ao longo do jornal *Meia Hora*, um bom exemplo é a expressão *a dar com pau*, que não reflete uma regra da gramática que prevê um complemento direto e indireto para o termo *dar*, uma vez que “quem dá, dá algo para alguém”.

c. substantivas e formais: as expressões idiomáticas *formais* são padrões sintáticos dedicados a propósitos semânticos e pragmáticos cujo sentido não é dado pelas partes constituintes. Para essa construção, é permitida a permuta de partes por ela ser flexível e lexicalmente aberta. Isso ocorre na construção a seguir, que possui esquema [X, quanto mais Y]:

(1) Ela não faz o almoço quanto mais a janta para os filhos.

As expressões formais, além de terem vasto campo teórico, podem servir de base para expressões idiomáticas *substantivas*, as quais exigem o preenchimento de todas as posições previstas na estrutura sintática com itens lexicais específicos. Como exemplo, tem-se o provérbio *Águas passadas não movem moinho*, um tipo específico de expressão idiomática, que representa a necessidade de não se apegar ao passado. Vê-se que os constituintes dessa expressão são fixos, e o entendimento da construção depende do conjunto e não das partes para o conjunto. A simples troca dos constituintes do provérbio (*Águas limpas não movem moinho*) não surtiria o mesmo efeito semântico.

Fillmore e seus co-autores (1988) apresentam as expressões idiomáticas com ou sem ponto pragmático, aquelas que apresentariam, além do sentido habitual, outro

determinado por contextos pragmáticos, isto é, algumas expressões idiomáticas indicam associação pragmática mais óbvia do que outras cujo sentido é deduzido a partir de certos contextos. A expressão idiomática *nem pintado de ouro* ilustra como a construção de sentido pode depender do contexto. Se alguém faz a seguinte pergunta para sua interlocutora: “Você reatará com seu ex-marido?” e a resposta é “nem pintado de ouro”, há um enunciado gramaticalmente incompleto, sendo necessário o contexto para se inferir, pragmaticamente, que o ex-marido é uma pessoa difícil ou não há mais afinidade entre o casal para que haja nova chance de relacionamento. Sendo assim, esses autores advogam que é possível encontrá-las associadas, a título de ilustração, à expressão *boa tarde*, utilizada para iniciar conversas, ou *até amanhã*, para despedida.

Nessa reflexão, como o objetivo é discutir o uso de EIs em manchetes de jornais populares, aproveita-se a fundamentação teórica de Fillmore (1988), Fillmore, Kay e O’Connor (1988) e a noção de herança de Goldberg (1995), ainda que a autora tenha pensado nessa classificação em relação às construções de movimento causado. Essa autora aborda organizações linguísticas em relação de herança, já que afirma que as construções são integradas. Quanto aos critérios de herança, recorre-se aos postulados de Goldberg (1995) sobre o princípio de motivação maximizada, da não-sinonímia, do poder expressivo maximizado e da economia maximizada. Em se tratando do princípio da motivação maximizada, por exemplo, a autora destaca as relações de ligação por polissemia, por subparte, por instanciação e por extensão metafórica.

Após a apresentação do quadro teórico norteador das análises, expõe-se a metodologia adotada na pesquisa em tela. A seguinte seção ajuda a compreender como a exposição, o entendimento e a discussão dos dados é fruto de um percurso metodológico relacionado à teoria proposta pelos autores que compõem a fortuna crítica ora apresentada.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

As manchetes de capa do *Meia Hora* foram consideradas, nesta investigação, terreno fértil para a análise de expressões idiomáticas como construções. Em termos de coleta de dados, escolheu-se a pesquisa em ambiente virtual, na página do *Facebook* do jornal, devido à fácil acessibilidade promovida por esse *site* e devido ao fato de o jornal não possuir um *website* com edições passadas. O período escolhido para a coleta de dados foi entre 10/01/2013 e 10/01/2015, e essa opção se justifica, uma vez que, em pesquisa piloto, constatou-se que o uso de expressões idiomáticas nem sempre foi uma escolha editorial do veículo em todas as capas do jornal.

Para compor o *corpus* da pesquisa, foram escolhidas 18 primeiras páginas do *Meia Hora* com o uso de construções, que, correntemente, são tidas como expressões idiomáticas do português brasileiro. A fim de confirmar a suspeita sobre o que vem a ser, sob o critério empírico, uma expressão fixa ou formulaica, foi usado o dicionário *on-*

*line* de expressões idiomáticas do Brasil e de Portugal, e do francês da França, da Bélgica e do Canadá<sup>5</sup>, elaborado no âmbito de uma pesquisa desenvolvida na UNESP (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) por Claudia Maria Xatara – especialista em lexicografia e em expressões idiomáticas – com a colaboração de professores brasileiros e estrangeiros e de alunos da pós-graduação da UNESP.

Na próxima seção, há reflexão sobre as expressões idiomáticas encontradas no *corpus*. Busca-se categorizá-las com base na teoria de Fillmore, Kay e O'Connor (1988). Neste caso, fica evidente que se recorre também às ponderações de Goldberg (1995), a fim de comprovar as hipóteses levantadas ao longo da realização do estudo aqui mostrado.

## 5 ANÁLISE DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS COMO CONSTRUÇÕES GRAMATICAIS

A análise das manchetes permite afirmar que a expressão idiomática é formada e analisada em blocos e não em partes, assim como o significado é não composicional. Na expressão idiomática *bater a caçuleta*<sup>6</sup>, nota-se que o usuário da língua não consegue produzir sentido, caso separe as unidades *bater* e *caçuleta*, pois isso seria incompreensível. Fillmore (1988) considera que “por construção gramatical, queremos dizer qualquer padrão sintático ao qual é atribuído uma ou mais funções convencionais em uma língua, juntamente com tudo o que é linguisticamente convencionalizado em termos de sua contribuição para o significado ou para a utilização de estruturas que o contenham. (FILLMORE, 1988, p. 36).” Partindo dessas palavras, afirma-se que essa convencionalidade torna as expressões fáceis de serem memorizadas, usadas e passíveis, nesse caso, de serem escolhidas pelo veículo midiático *Meia Hora*, já que elas estabelecem ponte com o público leitor previsto. As expressões idiomáticas ou fixas também têm a estrutura em bloco graças à convencionalidade que surge dentro da comunidade linguística.

Sobre a classificação das expressões idiomáticas, cabe colocar que elas podem ser categorizadas como *codificáveis* ou *de codificação*, assim como as Els *dar uma de João sem braço, comer capim pela raiz, bater a caçuleta*. Quanto ao entendimento dessas expressões, “[...] usuários podem entender com ou sem uma experiência a priori [...]” (FILLMORE; KAY; O’CONNOR, 1998, p. 505), ou seja, não é necessária experienciar as situações previstas nas expressões idiomáticas acima. Por outro lado, as expressões *se fazer de morto, virar pó e passar sufoco* são do tipo *decodificável* ou de *decodificação*.

---

<sup>5</sup> O dicionário de expressões idiomáticas está disponível em <<http://www.deipf.ibilce.unesp.br/pt/apresentacao.php>>. A proposta desse dicionário é elaborar uma obra que testemunhe o uso de unidades fraseológicas cristalizadas na língua portuguesa e na língua francesa, bem como apresentar exemplos e indicação de sinonímia para essas expressões. Para este estudo, o dicionário foi importante no que diz respeito à definição do significado das expressões idiomáticas encontradas no *corpus*.

<sup>6</sup> Manchete *Lequinho capeta bate a caçuleta – bandidão faz jus ao nome e tá ardendo no mármore do inferno*, publicada em 28/04/2015.



A expressão de *decodificação* é “o processo através do qual os ouvintes/leitores atribuem sentido a expressões linguísticas a que estão expostos.” (SILVA, 2011, p. 7). A língua em uso serve, então, para tornar essas Els comuns aos falantes.

Como a escolha aqui proposta é testar a hipótese sobre a predominância de expressões *formais* sobre as *substantivas* e das *gramaticais* sobre as *extragramaticais*, não se constituiu em preocupação exaustiva tratar das *codificáveis* e das *decodificáveis*. Sem fazer teste algum de recepção dessas manchetes, tendo como suporte apenas o processo empírico de produção dessas expressões, pode-se afirmar que o jornalista deduz que o interlocutor do *Meia Hora*, mesmo sem contato anterior com essas construções, pode inferir seu significado. Vê-se que, para afirmações mais precisas sobre esses tipos de expressões, talvez, fosse mais providencial adotar o quadro teórico baseado em Fillmore (1988), em Fillmore, Kay e O’Connor (1988) e em Goldberg (1995). As quantificações que se apresentam aqui são porcentagens do uso de expressões *formais*, *substantivas*, *gramaticais* e *extragramaticais* observadas ao longo dos textos investigados.

As expressões, segundo Fillmore, Kay e O’Connor (1988), podem ser *substantivas*, fixas lexicalmente. No *corpus*, encontram-se Els dessa natureza como mostra o quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Expressões idiomáticas substantivas

Expressão idiomática	Significado	Manchete	Data de publicação
<i>Dar à luz</i>	Gerar, fazer nascer	Deu à luz em coma – médicos salvam bebê de grávida fuzilada na cabeça	10/01/2013
<i>Dar uma de João sem braço</i>	Fazer-se de desentendido	Cotó da Ada dá uma de João sem braço e escapa do Bope	21/02/2015
<i>Virar a casaca</i>	Mudar de opinião	Brigões de Vasco e Flu viram a casaca e vão para Bangu	24/02/2015
<i>Entrar pelo cano</i>	Ser mal sucedido	Ladrão se esconde em bueiro e entra pelo cano	16/03/2015
<i>Armar e se dar mal</i>	Ser mal sucedido	Armou e se deu mal	28/04/2015
<i>Cana dura</i>	Prisão, cárcere	Gordinho queria vazar de delegacia, mas acabou entalado e pagando cuequinha. Já voltou pra cana dura	
<i>Matar cachorro a grito</i>	Passar por grande dificuldade	Periguetes que tão matando cachorro a grito rendem homem com arma, jogam o cara em porta-malas, dão remedinho estimulante e o obrigam a fazer vucovuco	08/05/2015



Fonte: Elaborado pelos autores.

Considera-se que os exemplos anteriores demandam o entendimento de que essas expressões são blocos sintático-semânticos. Observa-se que não é possível alterar a ordem dos constituintes dessas construções, nem trocar um componente por outro, sob a pena de haver entrave na compreensão dessas expressões. Não se pode substituir o vocábulo *cano*, no item (2), por *encanamento*, no item (3), por exemplo, tão pouco se pode equiparar o vocábulo *cachorro*, no item (4), com *gato*, no item (5), por exemplo.

(2) Entrar pelo *cano*

(3) Entrar pelo *encanamento*

(4) Matar *cachorro* a grito

(5) Matar *gato* a grito

Essas características das expressões corroboram com a noção de expressões fechadas proposta por Fillmore, Kay e O'Connor (1988) sobre o preenchimento da estrutura com todos os itens lexicais que compõem as Els. Do ponto de vista sintático, os casos (2), (3), (4) e (5) não se alteram, no entanto, semanticamente, o efeito de sentido não se preserva.

Vê-se que as expressões também podem ser *formais*, portanto, abertas do ponto de vista lexical, ou seja, podem ter um dos constituintes substituídos por outros sem prejuízo semântico. A seguir, no quadro 2, são elencadas essas Els e como determinados itens lexicais podem ser permutados por outros.

Quadro 2 – Expressões idiomáticas formais

Expressão idiomática	Significado	Expressão idiomática com novo (s) item (ns) lexical (is)	Manchete	Data de publicação
<i>Passar sufoco</i>	Passar por situação ruim	Passar aperto	Adriana passa sufoco no Rio	07/12/2013
<i>Comer capim pela raiz</i>	Morrer	Comer grama pela raiz	Terror da zona Norte vai comer capim pela raiz	27/01/2014
<i>Não largar o osso</i>	Não desistir	Não deixar o osso	No dia em que Beltrame disse que não larga o osso, bala voou em favelas com UPP e em ruas da Zona Norte No Alemão e na Penha, clima é de medo	04/11/2014
<i>A coisa está feia</i>	Situação desfavorável, ruim	A coisa está preta A coisa está ruça	Tá feia a coisa na Petrobras	15/01/2015
<i>Estar na cola</i>	Estar na espreita	Estar no pé	Líder Vascão vence, e Flu tá na	13/03/2015

			cola ao bater o Bonsuça	
<i>Levar fumo</i>	Se mal sucedido	Levar tinta Levar chumbo Levar ferro	Jobson leva fumo e carreira de brilho fica ameaçada	25/04/2015
<i>Bater a caçuleta</i>	Morrer	Bater a bota	Lequinho Capeta bate a caçuleta	28/04/2015
<i>Couro comer</i>	Violência	Pau comer	Couro comeu em Niterói. PM também foi morto	

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir dos exemplos, afirma-se que “as expressões idiomáticas formais, em contrapartida, são padrões sintáticos dedicados a fins semânticos e pragmáticos não conhecidos por suas formas únicas.” (FILLMORE; KAY; O’CONNOR, 1988, p. 505). Essas expressões idiomáticas podem sofrer alterações em seus componentes por parte de outros componentes de correspondência semântica no âmbito do pareamento forma e significado, sem que isso, no entanto, represente perda do potencial sintático-semântico da expressão formulaica. Por meio do *corpus*, é possível ver que as expressões *formais* são mais comuns do que as *substantivas*, em uma média de 61,11% para as *formais* e de 38,89% para as *substantivas*. Isso comprova a hipótese de que as expressões formam um *continuum* nas manchetes, preservado pela língua em uso.

Levando em consideração a concepção de Goldberg (1995) sobre a existência de herança entre as construções, vê-se que esses excertos apresentam traços de herança com outras expressões idiomáticas. Poder-se-ia afirmar que as expressões formais são mais propensas a relações de herança. Essa hereditariedade seria de princípio da motivação maximizada e prevê que duas construções são sintaticamente relacionadas e são motivadas de maneira semântica e pragmática (GOLDBERG, 1995, p. 67). Mesmo que o estudo das expressões idiomáticas não seja o alvo de Goldberg (1995), aproveitam-se, aqui, as suas considerações para fazer análise das EIs. Há também nos dados um caso de extensão metafórica, marcada pela polissemia evidenciada no quadro 2.

Nota-se que essa análise é sincrônica e é baseada em evidência de traços. A fim de estabelecer a hierarquia das expressões idiomáticas, seria necessário fazer um estudo diacrônico. Essa é a limitação deste trabalho, por hora evidenciado, no que concerne à reflexão de herança de traços, uma vez que ainda não foi possível fazer o levantamento dessas expressões para determinar qual surgiu primeiro ou se elas apareceram na língua simultaneamente. Dialogando com a teoria de herança de traço de Goldberg (1995), Xatara (2001) afirma que a expressão idiomática é “uma unidade lexical complexa e indecomponível, porque os seus componentes não se dissociam,

podendo estar sujeitos apenas a pequenas variações.” Essa pequena variação é aqui assumida como herança.

As expressões idiomáticas consideradas *gramaticais*, segundo Fillmore, Kay e O’Connor (1988), são aquelas que obedecem a regras gramaticais previstas na língua. No *corpus*, essas Els são, por exemplo:

- (6) Virar a casaca
- (7) A coisa está feia
- (8) Não largar o osso
- (9) Virar pó
- (10) Couro comeu
- (11) Dar à luz
- (12) Comer capim pela raiz
- (13) Matar cachorro a grito
- (14) Se fazer de morto
- (15) Entrar pelo cano
- (16) Bater a caçuleta
- (17) Levar fumo
- (18) Voltar para cana dura
- (19) Estar na cola

Esses exemplos apresentam esquemas sintáticos previstos pela gramática da língua portuguesa. Nos excertos (6), (8), (12), (13), (16) e (17), há um verbo (V) seguido de um sintagma nominal (SN), construção comum na língua. Nas passagens (7) e (9), há um verbo não nocional seguido de predicativo do sujeito reconhecido no contexto das manchetes analisadas supracitadas no quadro 2. Alguns verbos exigiriam apenas informações circunstanciais para produzir sentido no contexto da manchete, como ocorre em (15), (18) e (19). No exemplo (11), o verbo *dar* prevê dois complementos, sendo que o objeto indireto (OI) está explícito e o outro subentendido no contexto da manchete.

Por outro lado, têm-se as expressões *extragramaticais*, aquelas que não podem ser analisadas por meio de regras gramaticais por terem parâmetros próprios. Para comprovar a teoria, seguem-se os excertos dessas expressões, como:

- (20) Dar uma de João sem braço
- (21) Passar sufoco
- (22) Armar e se dar mal
- (23) Meter atrás das grades<sup>7</sup>

Graças aos exemplos acima, pode-se afirmar que “essas expressões têm, certamente, estrutura gramatical, mas as estruturas, que têm, não são inteligíveis segundo o conhecimento das regras familiares da gramática e segundo a maneira como essas regras são geralmente aplicadas.” (FILLMORE; KAY; O’CONNOR, 1988, p. 505). Em

---

<sup>7</sup> Manchete “Civil filmou os pilantras e ontem meteu 15 atrás das grades”, publicada em 01/05/2015.

outras palavras, no excerto (20), não estão previstos o termo *uma*, que pode ser adjunto ou complemento; o termo *de João sem braço* para o verbo *dar*, uma vez que, canonicamente, se espera, para esse verbo, dois complementos, um objeto direto e outro indireto. O mesmo processo pode ser observado nos excertos (21), (22) e (23), que possuem regras desconhecidas na gramática.

Por meio do *corpus*, é possível ver que as expressões *gramaticais* são mais comuns do que as *extragramaticais* em uma média de 77,78% de gramaticais e de 22,22% de extragramaticais. Mesmo assim, as construções *extragramaticais* são importantes para mostrar como a língua se modifica a partir de fatores pragmáticos. Aliás, as expressões preponderantes são exemplares de que as construções não são formadas por apenas componentes sintáticos, semânticos, mas também pragmáticos e culturais.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente trabalho, buscou-se analisar as expressões idiomáticas como construções em manchetes no *Meia Hora*. Chegou-se à consideração final de que as expressões idiomáticas comportam-se como esquemas em blocos sintático-semânticos, como ocorrem *no corpus* em questão e não por regras composicionais. Isso significa afirmar que, para interpretar essas EIs, não adianta conhecer itens lexicais, seus significados e a estrutura da sentença, uma vez que o significado não se dá composicionalmente. Qualquer aspecto da forma e da função não deve ser resultado direto da concatenação de partes.

Quanto às hipóteses levantadas, nota-se que as expressões *formais* são mais propensas nas manchetes da capa por serem emblemáticas do caráter dinâmico da língua em uso e por estarem em consonância com o fato de o jornal ter público abrangente, o qual consegue acompanhar, graças ao conhecimento de mundo que possui, o *continuum* entre as expressões básicas e aquelas motivadas. Estas efetivam a herança que se possa estabelecer entre uma e outra EI. As expressões *gramaticais* são mais requisitadas nas construções, porém, não se deve negligenciar a importância das *extragramaticais* para o entendimento do fator cultural e de uso para a modificação das regras da língua.

O trabalho poderia ser visto como relevante, porque tenta, ainda que em menor escala, fazer uma caracterização do uso das expressões idiomáticas como construção gramatical em manchetes de capa. Se as primeiras páginas são tidas, tradicionalmente, como espaço para o uso de construções não cristalizadas na língua, a presente pesquisa joga luz à realidade de jornais populares que se valem de expressões fixas para contatar o público alvo. Além disso, as unidades lexicais associadas à forma e ao significado, representadas pelas expressões idiomáticas, revelam o tratamento dado à notícia consonante ao propósito de informar, de maneira acessível, temas relacionados ao cotidiano. As expressões idiomáticas ajudam na manutenção da linha editorial marcada pelo humor do *Meia Hora*.

Como limitações, tem-se a ausência de trabalho diacrônico com as expressões idiomáticas encontradas no *corpus* que, pelo menos sincronicamente, apresentam relação de herança com outras, segundo observação de traços comuns. Além disso, talvez a análise não traduziu tão bem a teoria de Fillmore, Kay e O'Connor (1988) sobre expressões *codificáveis* e *decodificáveis*, uma vez que o estudo de recepção as explicaria melhor. Dedicou-se pouco enfoque aos estudos sobre a motivação cognitiva – metafóricas e metonímicas – das expressões idiomáticas, o que seria interessante para entender como construções mais abstratas – de sintaxe não prevista na língua – são mapeadas.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo popular*. São Paulo: Contexto, 2006.

ASSOCIAÇÃO NACIONAIS DE JORNAIS. *Maiores jornais do Brasil*. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil-2/>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. São Paulo: Contexto, 2012.

ECO, Umberto. Entrando no bosque. In: ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 7-31.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, Charles; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Catherine. C. Regularity and idiomacity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*. v. 64, n. 03, p. 501-538, sep. 1988.

FILLMORE, Charles. J. *The mechanisms of 'construction grammar'*. BLS 14, p. 35–55, 1998.

GOLDBERG, Adele Eva. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

JORNAL MEIA HORA. *Facebook*, 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/meiahora?fref=ts>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. *Novo manual de sintaxe*. 2. ed. Florianópolis, SC: Insular, 2013.

OLIVEIRA, Márcia Regina Alves Ribeiro. *Jornal popular X jornal tradicional: análise léxico-gramatical da notícia a partir da linguística de corpus*. Veredas (UFJF. Online), 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/11/ARTIGO-M%C3%A1rcia-Regina-Alves-Ribeiro-Oliveira1.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2018.

SANTOS, Guilherme da Conceição; GOMES, Maria Carmen Aires. Análise do gênero discursivo primeira página de jornal: um estudo de caso nos jornais impressos da cidade de Ponte Nova, MG. In: GOMES, Maria Carmen Aires, *et al.* (Org.). *Gênero discursivo, mídia e identidade*. Viçosa: Ed. UFV, 2007. p. 81-101.

SILVA, Vanilton Pereira da. Processos de significação das expressões idiomáticas em Grande Sertão: uma abordagem construcional. In: *SILEL – XIII*. Simpósio Nacional de Letras e Linguística e III Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2011, Uberlândia. Anais do Silel, 2011. v. 02.

XATARA, Cláudia Maria. *Dicionário de expressões idiomáticas português do Brasil e de Portugal - francês da França, da Bélgica e do Canadá*. Disponível em: <<http://www.deipf.ibilce.unesp.br/pt/apresentacao.php>>. Acesso em: 21 jan. 2018.